

Psicologia transpessoal: algumas notas sobre sua história, crítica e perspectivas*

Vicente Galvão Parizi**

Resumo

A psicologia transpessoal surgiu nos EUA, em 1969, a partir do encontro de Abraham Maslow, Stanislav Grof e outros importantes psicólogos e teóricos. Saudada como a quarta força da psicologia, buscava integrar à psicologia as vivências espirituais e as experiências chamadas “transpessoais”, caracterizadas por um estado de consciência superior, que contém todas as experiências anteriores do indivíduo e prossegue no sentido de conduzir o ser humano em direção à transcendência. Fazendo pontes entre as muitas escolas ocidentais de psicologia e as tradições espirituais do Oriente e do Ocidente, a psicologia transpessoal chegou a ser confundida por alguns críticos com uma abordagem sincrética ou uma nova forma de religião “new age”. Nos dias correntes, seus principais teóricos esforçam-se no sentido de mostrar que se trata de uma abordagem psicológica conseqüente e rigorosamente científica, distante da New Age e de práticas ditas “alternativas” ou “holísticas”, e que já começa a se integrar no currículo normal de entidades acadêmicas do peso da PUC-SP e Universidade Católica de Goiás.

Palavras-chave: *psicologia transpessoal; espiritualidade; experiências transpessoais; abordagem “bootstrap”; auto-realização.*

Abstract

Transpersonal Psychology first appeared in the USA in 1969, as a result of studies by Abraham Maslow, Stanislav Grof and other influent psychologists and scholars. Greeted as the Fourth Force in Psychology, it intended to integrate spiritual and the so-called “transpersonal” experiences into

* Texto baseado em monografia em andamento, exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob orientação do Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito, PUC-SP, 2004.

** Psicólogo clínico, especializado em Psicologia Transpessoal pelo GTT- Grof Transpersonal Training, EUA; aluno no Mestrado (Pós-Graduação Stricto Sensu) em Ciências da Religião, PUC-SP. E-mail: vipazi@ig.com.br.

Psychology. One defines transpersonal experiences as a higher state of consciousness which contains all of each individual's previous experiences. Its aim is to guide the human being towards transcendence. Transpersonal Psychology built bridges between the many Occidental schools of Psychology and spiritual traditions from both the Eastern and Western worlds. At the beginning it was criticized by some either as a syncretistic approach or a "New Age" religion. Nowadays, its main theoreticians strive to demonstrate that Transpersonal Psychology is a very consequent, scientifically sustained and rigorous psychological approach, very distant from New Age and "holistic" or "alternative" practices. As it is, it has so far been included in the formal curricula of respectable universities like PUC-SP and Universidade Católica de Goiás.

Keywords: *Transpersonal Psychology; spirituality; transpersonal experiences; bootstrap approach; self-realization.*

INTRODUÇÃO

Apesar de sua importância nos EUA e Europa, onde, desde o início, foi saudada como a quarta força da psicologia, no Brasil a Psicologia transpessoal tem sido vista com certas reservas por alguns psicólogos e órgãos oficiais reguladores das atividades da categoria.

Convivendo com essa abordagem desde 1990 (quando iniciamos o GTT - Grof Transpersonal Training), estamos convictos de que ela é portadora de múltiplas e importantes contribuições, tanto no campo da metateoria quanto na prática psicoterapêutica, e que precisa ser melhor compreendida pelos profissionais brasileiros. Para tanto, talvez seja necessária uma apresentação que não aponte apenas os pontos positivos como também discuta algumas críticas que devem ser consideradas. Críticas essas, como veremos, em sua maioria, já contempladas por autores que trabalham dentro da perspectiva transpessoal.

Portanto, pretendemos fazer uma apresentação ampla da psicologia transpessoal, começando por alguns dados históricos; a seguir discutiremos algumas das críticas que nos parecem pertinentes, principalmente a vinculação com a "new age" e práticas "alternativas", terminando com algumas contribuições teóricas relevantes.

HISTÓRIA

Uma das figuras cruciais no surgimento da psicologia transpessoal foi Abraham Maslow (*1908 +1970) que, a certa altura de sua trajetória intelectual, foi tomado de profundo descontentamento com o que chamava as “duas forças” majoritárias da psicologia no século XX: o behaviorismo ou Psicologia Experimental (“primeira força”) e a psicanálise (“segunda força”). Como Maslow era um dos mais influentes psicólogos e teóricos dos EUA no século XX, suas críticas tiveram grande repercussão entre intelectuais norte-americanos.

Com relação ao behaviorismo, Maslow recusava-se a entender os seres humanos como animais complexos que simplesmente respondiam a estímulos ambientais; criticou a simples transposição de conclusões obtidas na observação de animais para os seres humanos, pois, mesmo reconhecendo sua utilidade na determinação de pontos comuns entre o comportamento de homens e animais, acreditava que era inútil para entender ou modificar comportamentos complexos como culpa, alterações de humor, idealismo e outros, tipicamente humanos e não encontráveis em animais. Maslow não acreditava que o comportamento observável fosse a coisa mais importante a estudar no ser humano e valorizava muito as experiências interiores, negadas pelo behaviorismo.

A psicanálise foi criticada por Maslow principalmente pelo que chamava “ênfase na doença e no indivíduo doente. Para ele, Freud tinha baseado suas observações principalmente no comportamento de indivíduos doentes (as “histéricas”, o Pequeno Hans, Schreber, o Homem dos Ratos) e afirmava que basear-se no estudo da doença ou no que existe de pior nos seres humanos forçosamente conduziria a uma visão distorcida da natureza humana. Embora absolutamente não negasse as conclusões de Freud, pois conforme Maslow: “Freud forneceu-nos a metade doente da psicologia e devemos agora preencher a metade saudável” (1962, p. 5). Segundo Capra, (1986), “Maslow criticou a idéia de Freud de que a humanidade é dominada por instintos inferiores, criticando-o por derivar suas teorias sobre o comportamento humano a partir do estudo de indivíduos neuróticos e psicóticos” (1986, p. 356).

A partir dessas críticas aos movimentos dominantes na psicologia norte-americana, Maslow propôs o que chamou de “terceira força da psicologia”, a *psicologia humanista*, que se propunha a 1) concentrar-se na experiência humana, abandonando a pesquisa com animais; 2) enfatizar que as experiências interiores dos seres humanos são tão ou mais importantes que seus comportamentos observáveis (embora esses não possam ser desprezados); 3) determinar o que é o ser humano saudável e estudar seus aspectos positivos: felicidade, paz de espírito, êxtase; 4) estudar os seres humanos como organismos integrais, que não podem ser divididos em partes para facilitar a observação; e 5) entender a “auto-realização”.

O conceito de “auto-realização” é central no pensamento de Maslow e implica o desenvolvimento máximo dos potenciais de cada ser humano. Para ele, todo ser humano nasce com um enorme potencial (o mesmo para todo ser saudável, definido como em pleno funcionamento de seu organismo físico e mental), que deve ser “trabalhado” durante toda a vida ativa de cada indivíduo de modo a ser “realizado”, ou seja, desvelado, revelado, deixando de ser um potencial para tornar-se um recurso criativo disponível para uso (essa idéia levou a psicologia humanista a também ser conhecida como *movimento do potencial humano*).

Assim, o “objetivo” psicológico-existencial de cada pessoa deveria ser desenvolver-se e atingir a auto-realização: a realização plena de si como obra do trabalho sobre si, na medida em que se procuram atualizar os potenciais com os quais se nasce. É importante notar que, para Maslow, esses potenciais só podem ser desenvolvidos através de um ato de vontade e do constante trabalho consciente (essa ênfase na *vontade consciente* implica outra importante ruptura de Maslow com a psicanálise).

Para realizar esse potencial e atingir a auto-realização, Maslow postulava ser necessário percorrer uma escala, uma hierarquia de cinco necessidades – conhecida como a pirâmide das necessidades de Maslow – que são: 1) necessidades fisiológicas: tais como fome, sede, sexo; 2) necessidades de segurança: que vão da simples necessidade de estar seguro dentro de uma casa a formas mais elaboradas de segurança, como emprego, religião, entre outras; 3) necessidades de amor, afeição e sentimentos de pertença, tais como o afeto e o carinho dos outros; 4) necessidades de

estima, que passam por duas vertentes: o reconhecimento das nossas capacidades pessoais (auto-estima) e o reconhecimento dos outros ante nossa capacidade de adequação às funções que desempenhamos; e 5) necessidades de auto-realização, quando o indivíduo procura tornar-se aquilo que ele pode ser e que é entendida como realização suprema de todas as potencialidades implícitas no humano.

No final da década de 1950 e início dos anos 60, Maslow dedicou-se ao estudo de indivíduos que apresentavam o que chamou de experiências transcendentais ou culminantes (*peak experiences*), estados místicos espontâneos que considerava importantes no processo de auto-realização. A partir dessas pesquisas, concluiu que as experiências culminantes caracterizavam um estado de consciência superior, que ultrapassava o Self, definido por Maslow como o núcleo organizador da psique (essa idéia de um núcleo organizador na psique distancia ainda mais a psicologia humanista da psicanálise e a aproxima das idéias de Jung, que serão muito importantes no desenvolvimento posterior da psicologia transpessoal). A esse nível superior, que contém todas as experiências anteriores e prossegue no sentido de conduzir o ser humano em direção à transcendência, ele denominou “transpessoal”.

Assim, “transpessoal” seria, para Maslow, um domínio que contém a atualização do ser, mas vai além, atingindo o reino da transcendência. Esse nível supremo é tão importante que aqui já não se pode mais falar de desejos ou motivações, mas metanecessidades ou *metamotivações* (*metaneeds*), a necessidade humana de atingir e viver na verdade, beleza ou transcendência.

Como resultado dessas idéias, em 1962, delineou nova abordagem psicológica, cuja ênfase estaria nesse patamar transcendente do ser humano. Segundo Maslow:

[...] a psicologia humanista, terceira força, foi uma transição, uma preparação para uma ainda mais elevada, quarta psicologia, transpessoal, trans-humana, centrada mais no cosmos que nos desejos e interesses humanos, além do humano, da identidade, da atualização do ser e do resto. (1962, p. 128)

Em 1969, Maslow realiza uma série de reuniões com outros pesquisadores, conforme relata o psiquiatra tchecoslovaco radicado nos EUA e um dos mais importantes teóricos da psicologia transpessoal, Stanislav Grof:

[...] um fato importante nessa época foi o meu encontro com Abraham Maslow e Anthony Sutich (...). Abe tinha feito extensas pesquisas sobre os estados místicos espontâneos (...) e chegou a conclusões muito parecidas com as minhas. Independentemente de nossas reuniões, surgiu a idéia de lançar uma nova disciplina que combinaria ciência e espiritualidade, incluindo a Sabedoria Perene, além de considerar vários níveis de consciência. (1985, p. 34)

Para melhor entender esse parágrafo, é preciso lembrar que Grof realizara longas e bem documentadas pesquisas com pacientes psiquiátricos, pacientes terminais de câncer e voluntários não-doentes utilizando drogas ampliadoras da consciência – como LSD, quetamina, mescalina – e concluía pela existência de estados em tudo semelhantes aos que Maslow chamava “culminantes”.

“Sabedoria Perene” ou “Filosofia Perene” (*philosophia perennis*) é um termo cunhado por Agostinho Steuco (*1497 +1548), sacerdote católico, filósofo e teólogo, que a identificava com uma sabedoria universal que englobaria a teologia e a filosofia. No século XX, o termo foi recuperado por Aldous Huxley (1991), referindo-se à sabedoria universal advinda de *insights* obtidos em qualquer tipo de prática espiritual intensa. É nesse sentido que o termo é utilizado por Grof, ou seja, a nova abordagem psicológica deveria tentar combinar a ciência e a espiritualidade, incluindo os *insights* obtidos em estados *ampliados* de consciência.

Para Grof, o uso do termo “estados alterados de consciência” é incorreto, pois baseia-se na idéia de um estado “inalterado”, que seria o estado “normal”. Entretanto, uma noite sem dormir ou um cálice de vinho, ou jejum prolongado, já são o suficiente para provocar alterações na consciência, mesmo que não sejam percebidas como tal pelo sujeito. Portanto, a terminologia proposta por Grof, e que terminou aceita por todo o movimento transpessoal, é “estados habituais de consciência” e “estados ampliados de consciência” (mais tarde redefinidos por Grof como estados “hilotrópico” – derivados das percepções parciais características dos

estados ordinários de consciência – e “holotrópico” – derivados das percepções mais totalizantes dos estados ampliados).

O novo movimento, imediatamente, atraiu muito seguidores, em particular graças ao prestígio de Maslow na comunidade científica norte-americana, e conseguiu avanço tão rápido que, no mesmo ano (1969), é fundada a Associação de Psicologia Transpessoal (Transpersonal Psychology Association), que incluiu, além de Maslow, Grof e Sutich, nomes como Carl Rogers, Viktor Frankl e Jim Fadiman. No mesmo ano, surge o *Journal of Transpersonal Psychology*, sendo seu primeiro diretor Antony Sutich (até sua morte em 1976).

Os fundadores e os primeiros psicólogos a apoiarem a psicologia transpessoal estavam cientes de que lançavam uma abordagem muito distante da ciência tradicional, principalmente pela ênfase dada à espiritualidade, conforme escreve Capra:

Eles colocaram-se numa posição que difere radicalmente da adotada pelas mais importantes escolas de psicologia ocidentais, as quais são propensas a considerar qualquer forma de religião ou espiritualidade como baseada em superstições primitivas, aberrações patológicas ou falsas crenças a respeito da realidade, inculcadas pelo sistema familiar e a cultura. A notável exceção, é claro, foi Jung, que reconheceu a espiritualidade como um aspecto integral da natureza humana e uma força vital na vida humana. (1986, p. 359)

Retomaremos a questão da espiritualidade mais à frente. No momento, mais atentos aos aspectos históricos, podemos resumir como segue: a psicologia transpessoal é um movimento iniciado nos EUA, a partir de críticas às principais correntes teóricas dominantes na década de 1960; que reconhecia a existência de estados de consciência diversos dos estados usuais ou habituais, que foram chamados inicialmente de “estados ou experiências culminantes” e depois de “estados transpessoais”; que tais estados podem ser espontâneos ou provocados (por atividades intensas como esportes, privação sensorial, meditação, práticas espirituais, uso de drogas); que esses estados são importantes no desenvolvimento humano e, portanto, não apenas são bem-vindos como podem e devem ser procurados, provocados, e sua ocorrência estimulada; que tais estados são comuns durante e devido a prática espiritual; que, portanto, é importante estudar a

espiritualidade como evento importante na vida humana; que, dada sua inexistência nas abordagens psicológicas anteriores, seria necessário criar modelos que possam unir psicologia e espiritualidade. Entretanto, era igualmente claro que se tratava de uma nova abordagem psicológica, portanto, científica. Daí o lema transpessoal dos primeiros anos: lançar pontes entre ciência e religião.

A questão dos estados ampliados induzidos pelo uso de drogas é muito complexa e merece um estudo à parte; entre outros, foi amplamente discutida por Grof (1980 e 1997) e por Grof e Halifax (1990).

Num primeiro momento, apenas psicólogos norte-americanos ou radicados nos EUA fizeram parte do movimento transpessoal. A Califórnia foi seu berço natal, e o Instituto Esalen, célebre centro de contracultura, sediou seus primeiros encontros. Isso logo revelou-se um problema, pois conectou a psicologia transpessoal a movimentos distantes ou mesmo marginais ao fluxo principal (*mainstream*) da cultura norte-americana, o que autorizou certos meios intelectuais a se referirem à psicologia transpessoal como “alternativa”.

Os teóricos transpessoais desde cedo caracterizaram-se pelo número de obras publicadas. Pela originalidade de seu pensamento, logo se destacaram Charles T. Tart, Ken Wilber e Stanislav Grof. Porém, muitos outros deram contribuições significativas, como Michael Washburn, Michael Murphy, Roger Walsh, Frances Vaughan, Francisco Varela, Richard Tarnas, John Perry, Jane Middleton-Moz, Jane Houston, Ralph Metzner e June Singer.

Segundo Grof e Grof:

[...] uma outra década se passou antes que se tornasse óbvio que a Ciência Tradicional estava passando por uma revolução conceitual de proporções inéditas. As mudanças radicais que foram introduzidas na visão científica do mundo pelas teorias de Einstein sobre a *Relatividade* e a *Teoria Quântica*, foram seguidas por revisões igualmente profundas, ocorridas em outras disciplinas. (1995, p. 34)

Essas revisões ocorridas em outras disciplinas foi o mote inicial para que a abordagem transpessoal se abrisse no intuito de iniciar diálogo e lançar pontes com diversas áreas do conhecimento, como sociologia, economia,

antropologia, etnologia, educação, negócios, teoria sistêmica, comunicação, ética, ecologia. Alguns desenvolvimentos importantes para a teoria transpessoal foram o *Princípio da Incerteza*, de Heisenberg (1930), a *Teoria Bootstrap*, de Geoffrey Chew (1968), a *Ordem Implicada* (ou *Implícita*), de David Bohm, a *Teoria do Caos*, de René Thom, a *Teoria Holográfica do Cérebro*, de Karl Pribram (1968), a *Causalidade Morfogenética*, de Rupert Sheldrake, *as Matrizes Perinatais*, de Stanislav Grof, a *Psicologia de Espectro*, de Ken Wilber. Grof e Grof afirmam que, a partir da incorporação dessas idéias, “novas conexões foram sendo estabelecidas entre a Psicologia Transpessoal e a emergente visão científica do mundo, que ficou conhecida como ‘novo paradigma’ científico” (1995, p. 34).

Essa ampliação levou ao surgimento de um movimento transpessoal multidisciplinar, uma *idéia transpessoal*. Em 1972, foi fundada a I.T.A. (International Transpersonal Association), que organizou congressos em diversos países, visando a divulgação das idéias transpessoais: Islândia e Brasil (Belo Horizonte), em 1972; Finlândia e EUA (Boston), em 1979; Austrália (Melbourne) e Índia (Nova Dheli), em 1982; Suíça (Davos), em 1983; Japão (Kyoto), em 1985; EUA (Eugene) e Tchecoslováquia (Praga), em 1992; Irlanda, em 1994; Brasil (Manaus), em 1996. A mais recente conferência é a de número 16, realizada no mês de junho de 2004, em Palm Springs, Califórnia, EUA.

Segundo afirma Descamps:

[...] a articulação se dava ao redor de um novo paradigma científico que incluía o espiritual. O mundo, que não é formado de objetos materiais separados, é uma estrutura energética fluida, como nosso corpo. Há uma unidade subjacente entre o homem e o universo. (...) As diversas terapias transpessoais permitiram acessar uma dimensão interior que ainda não tinha sido explorada pela psicologia: a dimensão do sagrado; foram recuperadas para a ciência psicológica a medicina sagrada dos povos primitivos e as técnicas corporais utilizadas para obter a experiência mística; (tudo) visando a viagem ao interior e ao mais fundo do ser. (Nesse contexto), era também natural que se utilizasse a exploração interior fornecida pelas diversas formas de meditação e as múltiplas experiências possíveis de expansão da consciência. A Transpessoal, portanto, oferece uma nova visão do mundo, do homem e da

ciência. Vivendo num Universo onde tudo está interligado, o homem não está mais só e perdido num mundo material frio, hostil e absurdo. Pois a raiz da alienação reside na oposição entre espírito e matéria. (2003)

CRÍTICAS

Porém, logo começaram a aparecer as dificuldades. Nas palavras de Grof e Grof:

No momento, estamos ainda necessitando de uma síntese satisfatória desses desenvolvimentos (...) no entanto, o mosaico impressionante de observações e teorias acessíveis sugere que no futuro as velhas/novas descobertas referentes à consciência e à psique humanas poderão se tornar partes integrantes de uma ampla visão científica do mundo. (1995, p. 34)

As críticas começaram a surgir, e foram severas. A ausência de síntese e o mosaico teórico foram interpretados como ecletismo e sincretismo. A defesa e o uso simultâneo de técnicas *psicológicas* (visualização criativa, imaginação ativa, hiperventilação, isolamento sensorial), *corporais* (massagens, relaxamento, manipulação da energia corporal), *técnicas retiradas de múltiplas tradições espirituais* (ioga, mandalas, tai chi chuan, técnicas xamânicas), além do uso, por alguns integrantes do movimento, de drogas desencadeadoras de estados ampliados da consciência (LSD, ayahuasca, peyote, mescalina), se, por um lado, coerentes com a proposta de unir Oriente e Ocidente, ciência e tradições espirituais, psicologia moderna e práticas ancestrais, práticas ancestrais e pesquisa científica de ponta, por outro fizeram com que a transpessoal corresse o risco de ser confundida com parapsicologia, New Age e uma forma de religião.

Em relação à New Age, observa Edênio Valle que:

[...] a Nova Era não deve ser concebida como um movimento institucionalizado, um grupo em si – fechado ou aberto – ou uma religião/seita (...) Trata-se de um clima, de uma mentalidade geral e de uma atitude (...) cuja base está na captação mística e monista do Universo. (1998, p. 201)

Algumas características são comuns a praticamente todas as ramificações da New Age, a partir da idéia da chegada de uma nova era de paz e

de iluminação: a era de Aquário, acoplada à idéia escatológica de fim dos tempos (desde a aproximação de um planeta ou cometa que destruirá o Sistema Solar até a simples mudança causada pela chegada da Era Aquariana), mistura de técnicas científicas, superstições, técnicas religiosas tradicionais que pode incluir, segundo Valle:

[...] talassoterapia, iridologia, quiroterapia, geomancia, florais de Bach, biofeedback, radiestesia, tarô, runas, regressão, transmigração e reencarnação, anjos, amuletos, alquimia, comida natural, I Ching, numerologia, cristais, viagens espirituais, *brain machines*, escrita automática e curas milagrosas. (Ibid., p. 202)

O cardápio pode ainda ampliar-se e incluir consultas mediúnicas, bruxaria, xamanismo, diversas formas de meditação; crenças em extra e intraterrestres, Fraternidades de Mestres Ascencionados protetores do universo; tudo ao lado de constantes referências a psicólogos e psicanalistas importantes, como Freud, Jung e Reich, ao lado de mestres esotéricos como Helena Blavatsky, P. D. Ouspenski, Alice Bailey, bem como uma tentativa de apoiar-se em teorias científicas de ponta, com freqüentes referências a Karl Pribram, Rupert Sheldrake e Fritjof Capra.

Segundo Valle, tudo isso pode ser resumido como uma tentativa de fundir

[...] de um lado, os vários “saberes” ditos ocultos (...) e as gnoses provenientes de revelações e descobertas excepcionais. De outro lado (...) estão dados, hipóteses e preocupações nascidas no âmbito da psicologia do profundo e de diversas terapias bioenergéticas. É uma mistura de coisas desiguais cujo fio condutor está em dois aspectos psicológicos principais: a busca de um nível superior de consciência e o fortalecimento do *self*, alcançado pelo alargamento da evolução. (...) a Nova Era constitui uma mescla de terapia, arte de viver e religião. (Ibid., p. 206)

Dessa simples enumeração salta aos olhos que a transpessoal e a New Age apresentam como ponto comum a tentativa de unir ciência com espiritualidade. Porém, cremos também ser evidentes as diferenças, principalmente quanto à postura científica que desde o início mobilizou os integrantes da psicologia transpessoal.

Descamps, atento à complexidade da questão que envolve Transpessoal e New Age, pontua que

[...] *é preciso definir transpessoal rigorosamente*, de modo a evitar todas as acusações de ecletismo e sincretismo, além das confusões com movimentos aparentados (holismo, new age, psicologia humanista, desenvolvimento pessoal, etc). Da mesma forma, *não pode ser confundida com qualquer um dos seus componentes* (a respiração holotrófica de Grof, psicossíntese, yoga, etc.). (2003)

Os autores que mais intensamente buscaram essa definição rigorosa do objeto transpessoal foram Stanislav Grof e Ken Wilber, com amplos esforços no sentido de buscar a comprovação científica de suas idéias, bem como a tentativa de diálogo com as correntes majoritárias do pensamento psicológico e psiquiátrico. É a esses dois autores que devemos o importante conceito de *abordagem bootstrap*, que nos parece definir muito bem qual seja o procedimento metodológico básico da psicologia transpessoal.

DESENVOLVIMENTOS

A abordagem *bootstrap* é uma teoria da física quântica, que afirma que a natureza da matéria, ao invés de partículas elementares, só pode ser entendida como uma teia infinita de eventos mutuamente inter-relacionados e autoconsistentes. Nenhum elemento da teia é mais importante do que o outro; cada um dos elementos é determinante na constituição do todo e a estrutura final, *sendo consistente*, é que justifica cada um dos elementos que a constitui. Essa estrutura final é hipotética: não é a realidade em si, mas um mapa que nos permite levantar hipóteses e conceitos sobre a realidade. Para que o mapa seja o mais consistente possível, a visão *bootstrap* torna-se *sistêmica*, ou seja, permite que nos utilizemos de conceitos diferentes agregados uns aos outros. O que garante que esse agregado não seja uma colagem é a rigorosa exigência de *consistência* de cada um dos conceitos utilizados e do resultado final (que, sempre, será um resultado provisório, pois sujeito a mudanças a cada nova descoberta científica).

Portanto, a noção de *consistência* entre os conceitos diferentes e na teia gerada pela utilização desses conceitos é crítica, sendo ela que deter-

mina que o resultado final não seja simplesmente uma construção sincrética ou um monstro, um “Frankenstein teórico”. É assim que podemos entender a utilização da palavra *bootstrap* para definir essa abordagem metodológica: a possibilidade de unir os diversos ilhoses ou furos da bota pelo cadarço, proporcionando um caminhar mais seguro.

Adaptada às idéias psicológicas, essa abordagem entende que a mente humana é tão complexa que muitas e diferentes teorias podem ser elaboradas sobre ela, lógicas e coerentes internamente, teorias gerais que, por sua vez, originam procedimentos clínicos e psicoterapêuticos de comprovado êxito, mas todas as abordagens sendo incompatíveis entre si e mesmo contraditórias. Assim é que a psicanálise de Freud combatia a psicologia analítica de Jung, as duas negavam os procedimentos da vegetoterapia de Wilhelm Reich e as três condenavam o comportamentalismo de Skinner.

O que gera essa diversidade, a partir da teoria *bootstrap* da mente defendida pela psicologia transpessoal, são os seguintes fatos: a) todas essas visões são criações da mente humana, esquemas conceituais, não *a própria realidade* da mente; b) todas ignoram a idéia de um *espectro da consciência*, quer dizer, a teia infinita de eventos mutuamente inter-relacionados que formam a riqueza dos seres humanos e suas infinitas relações entre si e com a natureza; portanto, c) todas as teorias referem-se a *um aspecto* e não à *totalidade* da mente humana; dessa forma, d) *todas podem ser inter-relacionadas (desde que se respeitando a noção de consistência) numa nova teia de significados*.

Assim, se as várias escolas psicológicas ocidentais (por exemplo, psicanálise existencial-fenomenológica e psicologia analítica) estão observando e analisando níveis diferentes do espectro total da consciência, seus resultados talvez possam ser integradas num modelo inclusivo e mais abrangente. Essa integração seria possível, pois, conforme argumenta Ken Wilber (1990), as escolas psicológicas não formulam teorias diferentes sobre *um mesmo* nível da consciência, mas teorias diferentes sobre *diferentes níveis* do espectro total da consciência; mantêm entre si uma relação *complementar*, não antagonica, e só podem deixar de se antagonizarem quando entenderem que estão falando de coisas diferentes.

Portanto, afirma Wilber: “o problema de decidir qual o ‘melhor’ enfoque é um falso problema, uma vez que cada uma dessas abordagens trabalha com um nível diferente de consciência” (1990, p. 20).

Os esforços no sentido de obter esse novo modelo estão espalhados pela obra dos principais autores transpessoais, e seu detalhamento sem dúvida escapa ao escopo deste trabalho introdutório.

Quanto à questão de aproximação com a espiritualidade, é fundamental notar que, sendo ciência, com corpo teórico próprio e práticas psicoterapêuticas eficientes, desenvolvidas em seus quase trinta anos de vida, e resistindo à idéia de ser tomada como uma nova forma de religião, a psicologia transpessoal não pretende confundir as experiências transpessoais (tais como as “experiências culminantes” de Maslow) com os estados obtidos por místicos, nem com o trabalho continuado numa via espiritual tradicional. Esse cuidado visa separar definitivamente a psicologia Transpessoal das religiões e da New Age.

Wilber, em inúmeros momentos de toda sua obra, propõe-se a esclarecer como essa aproximação entre psicologia e espiritualidade pode ser entendida, partindo da idéia de Maslow, de um processo de auto-realização humana entendido como: conhecer a si mesmo, o que inclui a análise do inconsciente individual, a exploração do inconsciente coletivo, os arquétipos dominantes na psique (tarefas propostas pela psicanálise e pela psicologia analítica); conhecer os outros homens e relacionar-se com eles (tarefas propostas pela psicologia existencial-fenomenológica), participação social, política e ecológica (tarefas propostas pela psicologia social) e conhecer a Deus (tarefa proposta pelas tradições espirituais). Para Wilber, esses três estágios (relacionamento consigo, com o outro e com o divino) são necessários para a realização completa do ser humano; o não cumprimento de alguma das tarefas manterá o homem incompleto, portanto, sujeito à angústia, à ansiedade e à sensação de incompletude.

Realizando suas tarefas pessoais, o homem evolui através do espectro da consciência, até atingir um estágio em que se encontra diante do transcendente. O próximo passo lógico é mergulhar nesse transcendente. Esse mergulho é exatamente a recuperação da dimensão espiritual, cuja falta é entendida como uma das grandes causas da profunda crise pela qual passa nosso planeta.

Entretanto, diz Wilber, “Freud não é Buda, e Buda não é Freud” (1995, p. 206). Ou seja, não é função do psicólogo ser o mestre espiritual de seu cliente, nem podem os mestres espirituais ocupar o lugar dos psicoterapeutas, pois, mais uma vez, estamos nos referindo a níveis diferentes do espectro da consciência. Ao psicólogo compete apenas observar que a espiritualidade é parte integrante da psique, portanto, não deve ser encarada como patologia ou anormalidade.

Finalmente, como a visão-síntese ainda não foi obtida, não há um único método psicoterapêutico que possa receber o título de transpessoal e, segundo Descamps, “pode-se apenas falar de psicoterapia de *inspiração* transpessoal” (2003).

Infelizmente, esses cuidados não impediram que o termo “transpessoal” fosse usado por pessoas sem formação científica, como os chamados “terapeutas holísticos” (o termo “terapeuta holístico” é aceito no Brasil, e na cidade de São Paulo foi constituída uma Associação de Terapeutas Holísticos reconhecida pela municipalidade e que não faz exigências de comprovar formação acadêmica específica). Porém, essa apropriação indébita de termos e conceitos não é responsabilidade da psicologia transpessoal.

As mais severas críticas à idéia transpessoal, na verdade, partiram do interior do próprio movimento. As mais notórias envolveram o nome de Ken Wilber.

Wilber (1987) investiu criticamente contra a popular interpretação New Age de físicos modernos, que usam a física como justificativa ou “prova” do misticismo ou da visão de mundo espiritual. Seu alvo principal foi Fritjof Capra e seu *O tao da física* (1985). Segundo Valle:

[...] o que Capra afirma é (que) o mundo é um todo, é uma rede unitária e complexa de interseções e coligações que vai do microcosmo atômico ao macrocosmo. Desse todo faz parte integrante o espiritual, o que transcende a matéria. Há uma unidade entre a interpretação físico-atômica da matéria e a interpretação mística do real. (...) Capra, mais tarde, tomou distância dessa identificação demasiado apressada entre a imagem do mundo da física atômica e a da mística oriental. Mas manteve sua hipótese de base (...) “o normal, o paranormal e o místico são, em sua raiz, uma só coisa”. (1998, p 205)

Essa é a visão que Wilber critica diretamente, utilizando textos dos próprios fundadores da física moderna – como Heisenberg, Schroedinger, de Broglie, Planck, Pauli, Einstein – e tentando mostrar que a física moderna não prova nem desaprova, nem sustenta nem refuta uma visão mística-espiritual do mundo, simplesmente porque trabalha com questões completamente diferentes dos sistemas espirituais. A partir da própria base de trabalho (a física baseada na matemática; as tradições espirituais em meditação, orações, práticas rituais, etc), essas abordagens conduzem a resultados diferentes.

Posteriormente, numa entrevista publicada em seu site oficial (*About critics, Integral Institute, my recent writings and other meaningless subjects: an interview of Shambhala with Ken Wilber*), diz claramente que:

Deixei de referir-me como psicólogo transpessoal em 1983. (...) Há muitos eruditos e pesquisadores que continuam publicamente a chamar-se de “transpessoais”, como Stan Grof, Richard Tarnas, Michael Washburn e muitos outros. Eu, por outro lado, comecei a chamar meu próprio trabalho de “integrativo” ou “integral”. (...) Na minha opinião, a Psicologia Integral é mais inclusiva do que as outras tradicionais escolas de Psicologia Transpessoal, por isso não está mais filiada ao Movimento Transpessoal. (2000)

E ainda:

Toda psicologia realmente integral deverá “incluir e transcender” as importantes verdades das quatro forças. Nada deve ser perdido, tudo deve ser retido; os dinossauros vivem nos pássaros atuais. (...) Claro que este talvez seja um desafio irrealizável, mas é tudo pelo qual vale a pena lutar. (Ibid.)

Além disso, Stanislav Grof, o outro grande expoente, continua definindo-se como transpessoal, mantendo ativo seu Grof Transpersonal Training e animando o movimento internacional.

Porém, é notável que Wilber e Grof deixaram de tentar conciliar seus diferentes modelos teóricos e assumiram publicamente suas inúmeras divergências. De fato, a importância dos dois teóricos levou ao desejo, acalentado por quase duas décadas, de que seus modelos sobre a consciência pudessem ser conciliados num único sistema inclusivo. Em seus diversos livros, Stan e Ken sempre se trataram com deferência e tentaram levantar

pontos de concordância entre suas idéias. Entretanto, na nota número 17 de *Sex, Ecology and Spirituality*, Wilber (1995, pp. 741-751) teceu duras críticas a Grof, ao mesmo tempo em que, rigorosamente dentro da postura *bootstrap*, apontava novamente o caminho que pode ser trilhado para uma unificação de suas teorias. Mesmo assim, Grof (1996) respondeu de maneira igualmente dura, num texto não publicado, mas distribuído a integrantes do Grof Transpersonal Training.

Talvez um bom resumo de toda a questão seja oferecido pelo mesmo Wilber, na continuação de sua entrevista:

A principal dificuldade é que a psicologia transpessoal foi a primeira grande escola psicológica a levar a sério a espiritualidade. Assim como há grandes divergências com relação ao que seja realmente espiritualidade, há também grandes divergências sobre o que seja realmente a Psicologia Transpessoal. Há muitas divisões internas e grandes divergências sobre a natureza, o escopo e o papel da Psicologia Transpessoal. (...) Outros estudiosos que (me seguiram) (...) incluem Michael Murphy, Roger Walsh, Frances Vaughan, Francisco Varela, entre outros. (...) Creio ser prudente que estes dois tipos de pensadores, integrais e transpessoais, continuem a beneficiar-se mutuamente do diálogo. (2000)

Não se pode esquecer que a 16ª Conferencia Internacional, promovida por Grof, foi um verdadeiro triunfo, pois reuniu, além de novos expoentes, praticamente todos os “transpessoais históricos”, como Angeles Arrien, o casal Stan e Christina Grof, Jean Houston, Jack Kornfield, Ralph Metzner, Jane Middleton-Moz, Peter Russel, Huston Smith, Charles Tart e os “integrais” Roger Walsh e Francis Vaughan, todos presente com aulas e *workshops*.

NO BRASIL

No Brasil, os nomes pioneiros são os de Pierre Weil e Leo Mattos, que promoveram o Congresso de Belo Horizonte, em 1972. Além de escrever os primeiros livros sobre psicologia transpessoal publicados no Brasil, Pierre Weil foi co-fundador e vice-presidente da ITA – International Transpersonal Association.

Em 1983, Doucy Douek promoveu a primeira sessão de respiração holotrópica, na cidade de São Paulo, e, junto com Vicente Galvão Parizi, realizou centenas de *workshops* nessa técnica, até 1998, quando passaram a atuar em separado. Durante esses quinze anos de atividade comum, fundaram a ATAS - Associação Transpessoal da América do Sul, e formaram diversos facilitadores em respiração holotrópica.

O GTT - Grof Transpersonal Training, especialização em psicologia transpessoal e respiração holotrópica, já foi oferecido no Brasil, a primeira turma sendo certificada em setembro de 1997, na cidade de São Paulo. Posteriormente, o Training passou para a cidade de Goiânia e, no dia 25 de maio de 2001, foi oferecido o último grupo no Brasil. O término do GTT no Brasil deveu-se a dois motivos: 1) exigência do GTT - Office de número mínimo de alunos por grupo (30 alunos, quantidade difícil de ser obtida num curso não reconhecido como especialização pelo Conselho Federal de Psicologia); e 2) disparidade entre a moeda brasileira e a norte-americana (o GTT é pago em dólares).

A inclusão da psicologia transpessoal no currículo das entidades acadêmicas brasileiras é pequena e, até onde sabemos, apenas a PUC-SP oferece disciplinas regulares no curso de graduação para psicólogos. A Universidade Católica de Goiás oferece um curso de especialização em Psicologia Transpessoal Aplicada enfocando a teoria de Stanislav Grof – Pós-Graduação Lato Senso.

CONCLUSÃO

Após tantas citações da voz crítica de Wilber, talvez incluir a voz mais esperançosa de Stan Grof seja uma forma de terminar essas notas de maneira mais equilibrada:

[...] tudo o que os psicólogos transpessoais descobriram e descreveram durante o primeiro quarto de sua existência será necessariamente complementado, revisado e modificado. O futuro mostrará como as futuras gerações de profissionais irão encarar os assuntos (...) à luz de suas próprias experiências e descobertas. Provavelmente examinarão as afirmações de ambos os lados e as alterarão ou ajustarão para acomodar as novas observações

e teorias. Portanto sinto que, em vez de começar uma batalha de modelos, como se estes fossem ou pudessem ser definitivos e completos, é muito mais sábio fazer o melhor que podemos para aprimorá-los e torná-los consonantes, mas deixar o campo aberto para surpresas e novas descobertas. (1996)

Esperamos ter conseguido contribuir para definir a psicologia transpessoal de maneira mais rigorosa, evitando acusações de ecletismo e ajudando a entender que se trata de movimento de cunho científico que não pode ser confundido com seitas ou religiões constituídas, bem como muito distante de práticas “alternativas”.

Reafirmamos que a psicologia transpessoal possui um corpo teórico específico que não pode ser confundido com qualquer um dos seus componentes (por exemplo, a respiração holotrófica de Grof, a psicossíntese de Roberto Assagioli ou a psicologia de espectro, de Ken Wilber).

Ao mesmo tempo, estamos cientes de que se trata de uma abordagem ainda em processo, longe de constituir-se numa teoria fechada. Para seu desenvolvimento futuro, a psicologia transpessoal convida todos os estudiosos que queiram dar sua contribuição.

Sejam bem-vindos.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, F. (1985). *O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix.
- (1986). *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix.
- DESCAMPS, M. A. (2003) *Histoire du transpersonnel*. Disponível em: www.europsy.org/aft/histrans.html. Acessado em julho.
- GROF, S. (1980). *Lsd psychotherapy*. Pomona: Hunter House.
- (1985). *Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia*. São Paulo: McGraw-Hill.
- (1996). *A psicologia de espectro de Ken Wilber: observações da pesquisa clínica da consciência*. Manuscrito não publicado, comunicação pessoal do autor.
- (1997). *A aventura da autodescoberta*. São Paulo: Summus.

- GROF, S. e GROF, C. (1995). *A tempestuosa busca do ser: um guia para o crescimento pessoal através da crise de transformação*. São Paulo: Cultrix
- GROF, S. e HALIFAX, J. (1990). *La rencontre de l'homme avec la mort*. Paris: Du Rocher.
- HUXLEY, A. (1991) *A filosofia perene*. São Paulo: Cultrix.
- KOMMAN, R. (2003). *A dialog with Ken Wilber*. Disponível em: <http://members.ams.chello.nl/f.visser3/wilber>. Acessado em 20 de julho.
- MASLOW, A. (1962). *Toward a psychology of being*. Nova York: Van Nostrand Reinhold.
- VALLE, E. (1998). *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola.
- WILBER, K. (1987). *Quantum questions: mystical writings of the world's great physicists*. Boston: Shambhala.
- (1990). *O espectro da consciência*. São Paulo: Cultrix.
- (1995). *Sex, ecology, spirituality: the spirit of evolution*. Boston/Londres: Shambhala,
- (2000). *About critics, Integral Institute, my recent writings and other meaningless subjects: an interview of Shambhala with Ken Wilber*. Disponível em: <http://members.ams.chello.nl/f.visser3/wilber>. Acessado em 20 de junho de 2003.
- (2003). *Waves, Streams, States, and Self—A Summary of My Psychological Model*. Disponível em: <http://members.ams.chello.nl/f.visser3/wilber>. Acessado em 20 de junho.

Recebido em 8/6/2004; Aprovado em 19/5/2006